



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Uma conversa sobre história

Juliano Francesco Antonioli

Vitor Claret Batalhone Júnior¹

Esta entrevista nos foi cedida pelo professor Hans Ulrich Gumbrecht, da *Stanford University*, durante a realização do **3º Seminário Nacional de História da Historiografia: Aprender com a História?** na Universidade de Ouro Preto, em Mariana, Minas Gerais, agosto de 2009. O professor Gumbrecht é autor de diversos livros, dentre os quais destacamos os seguintes, traduzidos ao português: *Em 1926: vivendo no limite do tempo*, *Modernização dos sentidos*, *As Funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa* e *Elogio da beleza atlética*. A entrevista foi realizada após a apresentação da Conferência de Abertura do referido evento pelo professor Gumbrecht, cujo título foi “Depois de ‘Depois de aprender com a história’. O que fazer com o passado agora?”.

Iniciamos nossa conversa com o professor Gumbrecht falando sobre um tema de grande interesse seu: esportes. Torcedor do Borussia Dortmund e admirador do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, Gumbrecht acha que atualmente os dois maiores jogadores de futebol do mundo são Cristiano Ronaldo e Lionel Messi. Embora jogador do rival Bayern de Munique, o francês Franck Ribéry recebeu grandes elogios do professor. Por fim, se tivesse que arriscar um palpite acerca de quem será o time campeão da Copa do Mundo de 2010, Gumbrecht acredita que *La Furia Roja* – a seleção nacional espanhola – é a grande favorita do momento.

AEDOS: Professor Gumbrecht, considerando que estamos participando do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia, cujo enfoque temático de discussões versa acerca do potencial de aprendizado com a história, gostaríamos de lhe propor a seguinte questão: na sua opinião, o que podemos aprender com nosso conhecimento sobre o passado?

GUMBRECHT: A resposta mais radical e também insatisfatória que tentei dar na palestra de hoje é que depende de cada momento. Eu acho que hoje, fora da disciplina da história, na práxis cotidiana, o que aprendemos da história são feitos difusos. Como eu falei, Ouro Preto continua sendo um lugar fascinante, talvez mais fascinante do que nunca. Quando vou a Ouro Preto, no momento em que estou chegando à cidade, desejo saber tudo sobre Ouro Preto. Vou dar um exemplo do esporte. Três semanas atrás eu estive de férias em Istambul. Então fui assistir a um jogo da Supercopa Turca. Eu estava do lado dos torcedores do Fenerbahçe, e então eles me disseram que o clube foi fundado pelo Mustafa Kemal Atatürk, o fundador do Estado Turco (achei muito interessante) e que por isso o clube era tão popular. No dia seguinte, comprei na loja do Beşiktaş – que é um time rico de um bairro rico, como o Morumbi em São Paulo –, comprei uma camisa e falei com um empregado da loja que me disse: “Claro, claro, o Fenerbahçe é mais popular E foi fundado pelo Atatürk, mas o nosso time também foi fundado por ele”. Então isso sugere que o Atatürk, em uma jogada política muito inteligente fundou quase todos os times turcos de futebol. Isso, no momento em que estou na Turquia, é muito interessante porque as três semanas em que estive lá, eu fiquei fascinado pelo Atatürk. Eu não imaginava que havia uma separação entre Estado e Religião de uma forma tão estrita no mundo islâmico. Um aspecto interessante, é que houve um esforço nos anos 1930, para contratar todos os professores universitários judeus que tiveram que sair da Alemanha para os melhores postos de trabalho em nome de uma modernização nacional. Isso vai ter consequência para a minha vida, existencial, política, econômica, profissional? Não. Nada. Assim um pouco como com o Barroco de Ouro Preto, como com Tiradentes. Nada. É verdade que depende muito do interesse do momento. Quer dizer, aprendo continuamente, dependendo do meu interesse, com a história em um momento determinado que estou vivendo. Se estou em

Porto Alegre, tenho interesse de saber se o Grêmio é o clube das famílias clássicas de Porto Alegre. Mas em consequência, no sentido de aprendizagem, não. O que quero dizer é que aquela expectativa, aquela teoria, que foi a grande legitimação da história como disciplina, e que continua sendo isso, ou seja, acharmos que vamos obter uma aprendizagem para a vida coletiva, política, isso eu já não acredito. Mas não existe uma coisa que eu ache mais fascinante do que a história. Por exemplo, a história da Alemanha tem uma certa consequência para minha vida no sentido de que eu nasci em 1948 na Alemanha, fazendo parte daquela geração que não participou do Holocausto mas que herdou essa história até hoje. Nesse sentido, para mim, a história alemã é existencialmente importante, como um trauma talvez, mas ela tem importância para as minhas atuações? Poucas. Em suma, o que quero dizer, é que eu acho que essa importância de orientação coletiva ou individual, na práxis cotidiana, é muito menor do que se achava. Acho que há um interesse e um fascínio mais modestos.

AEDOS: Professor Gumbrecht, o senhor estudou na Universidade de Constanza e foi aluno de Hans Robert Jauss. Em seu livro *Em 1926: vivendo no limite do tempo*, o senhor coloca que “os acadêmicos da sua geração deveriam se tornar para os acadêmicos da próxima geração o que Reinhardt Koselleck, Niklas Luhmann, Jean-François Lyotard, Richard Rorty, Hayden White e Paul Zumthor” representam para o senhor. A ausência de nomes como Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss indicam uma ressalva quanto à teoria da recepção?

GUMBRECHT: Se eu não mencionei o Iser, não sei o porquê. O admirei muito. O Jauss foi o meu orientador (na Alemanha orientador se diz “Pai Doutoral”, é uma relação existencial muito forte). Ele foi, intelectualmente, uma pessoa muito importante para mim. Na Alemanha, um assistente na universidade é um assistente de alguém. Um *assistant professor* nos Estados Unidos é uma pessoa que mesmo não tendo ainda um emprego para toda a vida, trabalha independentemente, não tem um chefe como na Alemanha. Jauss e eu nos achávamos mutuamente bastante antipáticos, mas nós trabalhávamos bem em conjunto. Pouco tempo depois saiu uma notícia de que Jauss, que sempre se disse um homem de esquerda, teria sido não somente um oficial de alto escalão na SS, mas talvez teria sido um

daqueles 25 oficiais da SS que teriam acompanhado Hitler em seu *bunker*. Para mim foi uma desilusão existencial enorme. E uma memória muito traumática, mas como vocês estão perguntando, eu estou contando a história. Geralmente eu não falo dele. Eu não gosto muito de lembrar disso. Na revista americana *Telos* eu tenho um artigo que trata desse assunto, chamado *From Oedipal Hermeneutics to Philosophy of Presence*. Mas eu normalmente não menciono isso. Eu acho que a tradição alemã tem um número relativamente grande de pessoas com um passado no mínimo duvidoso. Duvidoso neste sentido foi o Heidegger, porque o passado dele não foi tão escandaloso quanto o de Jauss. Heidegger achou de início que os nazistas eram o futuro e nunca desistiu de suas idéias, mas ele certamente nunca esteve em um *bunker*. Filosoficamente ele se tornou bastante importante para mim que não posso evitá-lo. De qualquer forma, eu prefiro não falar do Jauss para não criar polêmica.

AEDOS: Professor Gumbrecht, o senhor faz referência, entre tantas outras coisas, à literatura brasileira e ao Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo. Quais acadêmicos brasileiros contemporâneos o senhor destacaria como referência para os acadêmicos da próxima geração?

GUMBRECHT: Interessante. Na verdade, eu nunca estudei especificamente literatura brasileira. Embora eu conheça relativamente bem tal literatura. Uma coisa interessante que tem a ver, infelizmente, com o Jauss. A primeira vez que eu fui convidado como professor visitante foi em 1977, na PUC do Rio de Janeiro. É possível que eles desejassem convidar o Jauss. Mas o Jauss achava que não deveria vir. Para ele, possivelmente, o Brasil não era um lugar importante; assim como ele queria representar o papel de homem de esquerda, e dizer: “Não, é uma ditadura militar. Eu não vou”. Mas não posso afirmar com certeza. Então eu fui convidado para um seminário no Rio de Janeiro, durante a ditadura militar, quando basicamente a Igreja e a PUC protegiam uma certa liberdade intelectual nas Universidades. E naquele seminário, as pessoas eram absolutamente fantásticas. Estavam lá o meu grande amigo Costa Lima, o Silvano Santiago, o Roberto Ventura da USP (um cara que infelizmente morreu jovem) mais a Flora Süssekind. Um grupo de pessoas de história cultural da literatura que eu acho absolutamente fantástico. Eu acho, que da minha geração, o Costa Lima é de primeiríssima categoria. É um autor difícil de ler. Mas toda a reflexão

realizada durante sua vida sobre a *mímeses*, eu acho super importante. Eu acho que a obra dele é uma das mais importantes da minha geração nas ciências humanas. Em relação às reflexões entre literatura e filosofia, literatura e produção literária, reflexão literária, acho importante o Silvano Santiago. Eu gosto muito dos romances dele. São pessoas que eu conheço os que eu acho bastantes importantes. E, sem dizer nomes, eu digo mais. Por exemplo, eu acho que o departamento de filosofia da UFRGS é muito bom. Toda vez que vou a Porto Alegre, que vou à Universidade Federal para uma discussão com o pessoal da Filosofia, eu noto que realmente são pessoas com um nível de conhecimento muitíssimo bom. Isso não para ser simpático, mas eu acho que o Brasil academicamente é com certeza um país de primeiro mundo. De certa forma, estou dizendo isso polemicamente. Não estou falando dos níveis de ponta, estou falando de um nível médio: se você vai a uma Universidade brasileira, que não é de ponta, num departamento de ciências humanas e compara com vários países europeus, para mim, seria melhor que os países europeus. O que não se pode comparar com os Estados Unidos, porque lá têm das coisas mais fantásticas às piores coisas. Por exemplo, nos Estados Unidos não existe um sistema universitário. Existem Stanford, Harvard, Yale, Princeton, que são incríveis, mas também existem universidades péssimas. Mas eu acho que em relação ao sistema estatal universitário, às PUCs, o Brasil é um país com universidades bastantes admiráveis. Por exemplo, o Marcelo Jasmin, professor da PUCRJ. É um muito bom teórico da história. Estou sempre impressionado com suas perguntas.

Nos Estados Unidos, creio eu, na minha geração e talvez na próxima, são cada vez menos gerações com grandes nomes, como as gerações anteriores. Por exemplo, o meu departamento tinha o Richard Rorty e o Hayden White. Richard Rorty morreu dois anos atrás e o Hayden White se aposentou. Acho que hoje é quase impossível que uma Universidade consiga recrutar equivalentes. Acho que na minha geração, talvez mundialmente, cada campo tinha uns trinta ou quarenta acadêmicos de ciências humanas muito bons. Sem que houvesse um Richard Rorty ou um Habermas. Na Alemanha de hoje, você tem vinte filósofos mais jovens que herdaram, mais ou menos, a orientação da Escola de Frankfurt, tipo Habermas, muito bons. Mas claramente não um Habermas. Quer dizer, é um pouco a mesma coisa no Brasil. Eu acho que o nível da minha geração é excelente. Provavelmente ainda melhor nas gerações mais novas. Creio que o Costa Lima, bem

traduzido, mais simpático, poderia ter sido um homem internacional de ponta. Mas o fenômeno que quero sublinhar com o Brasil de hoje, é como as ciências humanas no país são um fenômeno quase coletivo, muito forte. Uma cidade como Mariana organizar um colóquio e ter um auditório tão grande, com pessoas que aguentam uma palestra de cem minutos, não completamente fácil, é para se sublinhar. Há poucos países no mundo que podem fazer isto. Na França, não. Na Alemanha eu não sei, mas acho que seria difícil. Mas na França com certeza. Na Itália nem se fala. Não na Espanha com certeza. Eu diria que o Brasil está no nível da Inglaterra, Alemanha e Suíça nas ciências humanas. Eu não posso falar em engenharia e ciências naturais. Nas ciências humanas eu acho que a produção brasileira é isolada, pouco traduzida, mas a qualidade é do mais alto nível.

AEDOS: Professor Gumbrecht, o senhor faz bastante referência ao conceito fenomenológico *Lebenswelt* (“mundo da vida”). Para o senhor, qual a importância deste conceito para os estudos de história? O senhor poderia citar mais três conceitos que em sua opinião sejam fundamentais para se pensar a história?

GUMBRECHT: Tenho cada vez mais interesse em poder identificar inferências, marcos antropológicos e históricos transculturais. Talvez ressoe um tom moralista que não quero. Mas uma idéia que eu acho interessante diz a respeito a volta do conceito de verdade. De repente a verdade, que há dez anos atrás era apenas uma construção, reapareceu como um conceito fundamental. Para mim mais ou menos desde *Em 1926*. É impossível alegar que a referência seja corretamente representada. Eu acho que o “mundo da vida” (*Lebenswelt*) é interessante neste sentido. Eu diria que existe uma fronteira entre toda a variedade de construções que sejam possíveis para a consciência humana e outras que não. A *lebenswelt* contém todas aquelas possibilidades que podemos realizar. Nesse sentido eu acho interessante dizer que existe, talvez, uma infinidade de possíveis dependências do passado, mas que cuja certeza e referência últimas não temos. Existem certas coisas que nunca vão acontecer, apesar de toda a tecnologia eletrônica. Por exemplo, nunca vamos conseguir a onipresença. Este lugar é muito importante, e eu não posso falar disso, de “mundo da vida” singular, tratando de sublinhar que é só um “mundo de vida”.

É claro que isso facilita uma base, a multiplicidade de mundos cotidianos, que a gente poderia chamar de construções cotidianas da realidade, construções culturais da realidade. De certa forma, eu acho que a verdade é um conceito complicado, mas referência ao mundo, às coisas do mundo, eu acho muito importante. Estou lendo um livro que teve muito êxito nos Estados Unidos, que traduzindo seria “O melhor jogo de tênis jamais jogado”. Ele já está traduzido no Brasil? O livro fala sobre um jogo de 1937 entre um americano, Don Budge, e um alemão, Gottfried Von Cramm, que era um aristocrata homossexual. E cada vez ele que jogava um jogo internacionalmente importante, jogava para se livrar da ameaça da prisão, pois ele sabia que se não atingisse o nível mundial iria preso. É um livro interessante, bem-feito, e que, numa perspectiva microscópica, é um livro sobre os anos 1930: a ingenuidade da alta sociedade inglesa sobre os nazis, apoiando o alemão que eles achavam que era nazi, mas que, na verdade, era uma potencial vítima do nazismo. É um livro interessante. Mas, o que é interessante é que o autor fala algo como isso na introdução, que vou transliterar: “Eu não sei o que aqueles dois jogadores, Don Budge, o americano, e Von Cramm, o alemão, falaram além da rede. Talvez tenham tido uma certa amizade, mas eu vou inventar o que poderiam ter conversado”. E surpreendentemente eu acho que isso é desastroso neste ponto. É verdade que existe uma probabilidade desse diálogo. Mas neste sentido vem aquela intuição aristotélica, da *Poética*, onde é feita uma distinção entre a probabilidade e a verdade histórica. Ele, o autor do livro, faz uma decisão a favor da probabilidade. Mas a realidade histórica provou muitas vezes o improvável. Então, aí está o meu interesse na referência, pois a probabilidade histórica não pode ser a substituição a nenhuma referência. O fascínio da história, realmente, são as coisas estranhas que são verdades.

E claro, faz parte do clima histórico do presente, que na história me interessa muito, que por um lado há um fascínio com o passado, mas por outro lado, há algo importante, que é verdade referencial. Isso ocorre em parte graças a mudança da transformação do cronótopo. Outro conceito que mudou é a nossa auto-referência, que já tem aquela vontade de voltar a incluir uma referência corporal, e eu acho também que o desejo, isto que a gente quer conhecer. Podemos esperar cada vez mais coisas assim. Assim como uma maior referência ao clima histórico. Eu estou imaginando hoje que fico encantado com o frio aqui,

como fico encantado com o frio em Porto Alegre nesta temporada do ano. Numa noite fria como hoje, que eu fiquei bem com minha coberta grande no hotel, como é que ficavam os escravos na Vila Rica? E não é uma questão de que eu seja preocupado com os escravos porque eu sou bonzinho, eu estou pensando nos escravos. Mas uma dimensão da história que vai voltar fortemente não só porque eu acho especial ou porque eu sou chique em falar clima, mas eu acho que por razões epistemológicas terá um futuro na história.

¹ Juliano Antonioli é graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História pela mesma universidade, com bolsa do CNPq. Ocupa ainda o cargo de Editor de Seção de Teoria e Metodologia da História da AEDOS – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Vitor Batalhone é graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Bolsista CAPES. Editor Gerente da AEDOS – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.